

5.

Foder. Essa descoberta tornou-se algo que me envergonhava e desejava.

Tinha os tais sete ou oito anos.

Numa das raras ocasiões em que pude brincar fora do meu quintal, – o meu pai não estava em casa e a minha mãe deve ter-se querido livrar do empecilho – lembro que voava num baloiço improvisado num ramo de cajueiro, empurrada por um rapazito da vizinhança, mais ou menos da minha idade. O cajueiro situava-se junto aos caboucos e paredes semi-erguidas de uma nova casa de colonos – e nunca de lá saiu, mesmo depois de concluída a construção. Ironicamente, era a casa da Dona Prazeres. O miúdo era obviamente branco, filho de vizinhos de confiança, gente boa da metrópole; havia convivência. Perguntou-me, “Queres jogar a foder?” Jogar a foder?! Ora aí estava uma brincadeira que eu não conhecia, nunca tinha jogado na escola e não sabia mesmo como era. Devo dizer que o Luisinho tinha apenas uma vaga ideia, embora soubesse mais do eu. Era curiosa, portanto não me passou pela cabeça recusar tal brincadeira. Perguntei-lhe como se fazia e ele esclareceu-me resumidamente, “despimo-nos e eu ponho-me em cima de ti”. A coisa não me pareceu muito ortodoxa, “despirmo-nos”, “em cima de”, mas aceitei sem problemas. Tinha curiosidade, e não só. Pressenti ser algo que não se podia fazer, portanto devia ser bestial e queria experimentar. Era curiosa, aventureira, era uma miúda sozinha que brincava com as formigas.

O Luisinho avisou que era melhor irmos fazer aquilo para dentro da casa. Mas não existia casa, apenas alguns

tijolos já colocados até à altura do que viriam a ser as janelas, nada de tecto, apenas chão de terra vermelha. No interior desta estrutura em construção existia já divisão em compartimentos. Escolhemos o que viria a ser o espaço da casa-de-banho. Deve ter-nos parecido adequado à fisiologia da função. Era um espaço pequeno e dava para as traseiras da futura casa. É relevante que tenhamos escolhido esse espaço mais pequeno, portanto mais fechado sobre nós, mais íntimo, porque nenhum de nós sabia muito bem o que estava a fazer, o que era isso de foder. Mas intuíamos-lo. E foi muito simples. Despimo-nos completamente, eu deitei-me sobre a terra, exactamente como nos ensinavam que se devia dormir, pernas e braços bem direitos, o Luisinho deitou-se nuzinho sobre mim, exactamente como nos ensinavam na escola que se devia dormir, e ali ficámos alguns minutos, nessa posição de difícil equilíbrio, conversando e “fodendo”. Eu estava por baixo e podia ver a abertura já existente onde se situariam as janelas. E, num ápice de segundo, apercebo-me da figura do meu pai, oh, meu Deus, o meu pai, estou a vê-lo ainda hoje, debruçado nesse vago, com os antebraços pousados no tijolo, olhando para baixo, observando a cena, apercebendo-se da situação e desaparecendo rapidamente. Percebi tudo. Nessa fracção de segundo levantei-me, derrubando o Luisinho, e agarrando a minha roupa. No momento em que o meu pai deu a volta ao exterior da casa, entrou pela porta e me arrebatou pelo braço, estava o Luisinho ainda em pelota e eu já meia vestida. Segundos antes da pancada, tinha já a certeza absoluta que foder era proibidíssimo.

Senti durante muito tempo as violentas bofetadas do meu pai a arder no rosto e os golpes que espalhou pelo

meu corpo; rosto, braços, nádegas, costas, pernas. Onde caísse. Foi violento. Depois fechou o meu braço nas suas poderosas garras e voei para dentro do nosso quintal, onde me largou e pude fugir em direcção ao meu quarto, contendo lágrimas, ardendo, humilhada, pensando que a minha vida acabava ali. Pior que a dor da pancada era a da humilhação por ele me ter visto foder, me ter apanhado no pior dos pecados. Achei que não era capaz de voltar a olhar para ele nem ele para mim, de sair do quarto. Mais tarde ouvi-o contar à minha mãe, mas nem me recordo da sua resposta. Nunca, no resto da minha infância, da minha vida, qualquer um deles falou comigo sobre o acontecido. É algo que não existiu.

Nesse dia longínquo de 1970 perdi a inocência, descobri o sexo, e comecei a sonhar que fodia com o Gianni Morandi enquanto ele me cantava *Non son degno di te, / non ti merito più*.